



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

FACULDADE DE ENFERMAGEM

LUANA PEREIRA DOS SANTOS

OS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESMAME PRECOCE

Salvador-BA

2021

LUANA PEREIRA DOS SANTOS

OS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESMAME PRECOCE

Artigo Científico apresentado à disciplina de TCC II do Curso de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador, como parte dos requisitos para aquisição do título de Bacharel em Enfermagem.

Linha de Pesquisa: Saúde da criança

Orientadora: Prof.^a MSc. Fernanda Cardeal Mendes

Salvador-BA

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por sempre cuidar de mim, ter me dado oportunidade de estar realizando um sonho e ter me dado forças nos momentos mais difíceis da minha vida em que pensei que não conseguiria.

Agradeço aos meus pais, a minha vó e meu namorado por acreditarem em mim e sonharem junto comigo.

Aos meus professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho ao longo desses anos do curso. Em especial a minha professora e orientadora. Agradeço também a minha instituição por ter me dado a chance e todas as ferramentas que permitiram chegar hoje ao final desse ciclo de maneira satisfatória.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

OS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA DESMAME PRECOCE

Luana Pereira dos Santos¹

Fernanda Cardeal Mendes²

RESUMO

Introdução: a ausência de amamentação ou sua interrupção precoce (antes dos 6 meses) e a introdução de outros alimentos à dieta da criança, durante esse período, são frequentes, com consequências importantes para a saúde do bebê, como exposição a agentes infecciosos, contato com proteínas estranhas, prejuízo da digestão e assimilação de elementos nutritivos, entre outras. **Objetivos:** o objetivo foi identificar os fatores que contribuem para o desmame precoce. **Metodologia:** tratou-se de revisão bibliográfica integrativa. Foram incluídos os artigos sobre o tema que foram publicados nos idiomas português e inglês durante o período de 2016 a 2021 que estiveram disponibilizados on-line e gratuitamente. **Resultados:** Os principais fatores de desmame: trabalho fora de casa, crenças e tabus sobre o leite materno, fissuras mamilares, baixa renda e baixa escolaridade da mãe, faixa etária da mãe, e bebês que nasceram com problemas de saúde e precisaram de internamento nas UTINs. **Considerações finais:** o desmame precoce é constituído sócio culturalmente e para que a mulher possa manter o aleitamento materno exclusivo ela precisa de apoio do seu núcleo familiar, dos profissionais da saúde, da sociedade e também do governo.

Palavras chaves: Assistência de enfermagem; Aleitamento materno; Desmame precoce; Neonato.

¹ Graduanda em Enfermagem da Universidade Católica do Salvador. Contato: luanap.santos@ucsal.edu.br

² Enfermeira. Contato: ferndanda.mendes@pro.ucsal.br

FACTORS THAT CONTRIBUTE TO EARLY WEEANING

Luana Pereira dos Santos¹

Fernanda Cardeal Mendes²

ABSTRACT

Introduction: the absence of breastfeeding or its early interruption (before 6 months) and the introduction of other foods in the child's diet during this period are frequent, with important consequences for the baby's health, such as exposure to infectious agents, contact with foreign proteins, impaired digestion and assimilation of nutritional elements, among others. **Objectives:** the objective was to identify the factors that contribute to early weaning. **Methodology:** this was an integrative literature review. Articles on the topic that were published in Portuguese and English during the period from 2016 to 2021, which were made available online and free of charge, were included. **Results:** The main weaning factors: working outside the home, beliefs and taboos about breast milk, cracked nipples, low income and low education of the mother, age of the mother, and babies who were born with health problems and needed hospitalization in NICUs. **Final considerations:** early weaning is socio-culturally constituted and for a woman to maintain exclusive breastfeeding, she needs support from her family, health professionals, society and also the government.

Keywords: Nursing care; Breastfeeding; Early weaning; newborn

¹ Graduanda em Enfermagem da Universidade Católica do Salvador. Contato: luanap.santos@ucsal.edu.br

² Enfermeira. Contato: ferndanda.mendes@pro.ucsal.br

LUANA PEREIRA DOS SANTOS

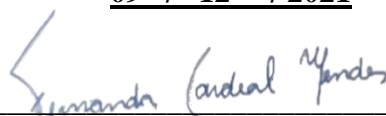
OS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESMAME PRECOCE

Artigo científico apresentado à disciplina de TCC II, do curso de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador, como parte dos requisitos para aquisição do título de Bacharel em Enfermagem.

Linha de pesquisa: Saúde da Criança

DATA DA APROVAÇÃO:

09 / 12 / 2021



Profª. Msc. Fernanda Cardeal Mendes

Universidade Católica do Salvador

Orientador (a)



Profª Daniela Barbosa Neiva Vidal

Universidade Católica do Salvador

Avaliador (a)



Thais Sena Ribeiro

Avaliadora (a)

Salvador, BA

2021.2

SÚMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 METODOLOGIA	10
3 RESULTADOS.....	12
4 DISCUSSÃO.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno exclusivo (AME), é a proposta de ofertar apenas o leite materno à criança seja da própria mãe ou por ordenha e não recebe nenhum outro líquido (exceto medicamentos) ou alimento sólido. A Organização Mundial de Saúde (OMS) orienta que o AME seja oferecido até o sexto mês de vida como medida de saúde pública e, após os seis meses, determina a introdução dos alimentos complementares com a manutenção do aleitamento materno até os dois anos de idade ou mais (BRASIL, 2016).

Amamentar é muito mais do que nutrir a criança. É um processo que envolve interação profunda entre mãe e filho, com repercussões no estado nutricional da criança, em sua habilidade de se defender de infecções, em sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, e em sua saúde no longo prazo, além de ter implicações na saúde física e psíquica da mãe. Portanto, a alimentação infantil adequada é essencial para o desenvolvimento da criança, visto que tem efeitos em longo prazo sobre a saúde e porque previne o surgimento de doenças crônicas na vida adulta. (BRASIL, 2016; GIESTA *et al.*, 2019).

A amamentação privilegia tanto o lactente quanto a mulher. Para o lactente, o leite materno é considerado o alimento ideal, por ser rico em gorduras, em minerais, em vitaminas, em enzimas, e em imunoglobulinas necessárias para promover o crescimento e desenvolvimento da criança. Para a mulher, configura-se como um fator protetor do câncer de mama, de cânceres ovarianos, além da involução uterina de forma mais rápida devido à liberação de ocitocina, o que diminui o risco de hemorragia uterina pós-parto. (MOTA *et al.*, 2019).

Apesar dos benefícios serem constituídos com importância pela Organização Mundial de Saúde é notório uma espécie de tendência latente ao desmame, ocasionando as mulheres a desmamarem os seus filhos de forma precoce. (Rodrigues *et al.*, 2014). Portanto, as prevalências de aleitamento materno no Brasil, em especial as de amamentação exclusiva, estão bastante aquém das recomendadas, e o profissional de saúde tem papel fundamental na reversão desse quadro (BRASIL, 2016).

Apesar de a grande maioria das mulheres (96%) iniciar a amamentação, apenas 11% amamentam exclusivamente no período de quatro a seis meses, 41% mantêm a lactação até o final do primeiro ano de vida e 14%, até os dois anos (RAMOS; ALMEIDA, 2003). Embora todas as evidências científicas demonstrem a superioridade

da amamentação sobre outras formas de alimentar a criança pequena, e apesar dos esforços de diversos organismos nacionais e internacionais, as prevalências de aleitamento materno no Brasil, em especial as de amamentação exclusiva, estão bastante aquém das recomendadas, e o profissional de saúde tem papel fundamental na reversão desse quadro (BRASIL, 2016).

Mas para isso ele precisa estar preparado, pois, por mais competente que ele seja nos aspectos técnicos relacionados à lactação, o seu trabalho de promoção e apoio ao aleitamento materno não será bem sucedido se ele não tiver um olhar atento, abrangente, sempre levando em consideração os aspectos emocionais, a cultura familiar, a rede social de apoio à mulher, entre outros. Esse olhar necessariamente deve reconhecer a mulher como protagonista do seu processo de amamentar, valorizando-a, escutando-a e empoderando-a e, o enfermeiro, particularmente, necessita identificar os fatores de risco para o desmame precoce (BRASIL, 2016).

Nesse sentido, existem vários fatores que podem contribuir para a interrupção precoce do AME sendo que muitos deles estão relacionados à mãe, tais como menores níveis de escolaridade e renda familiar, trabalho fora do lar durante o puerpério, primiparidade, menor faixa etária e fissura mamilar (SANTOS, *et al.*, 2017).

É de grande importância falar, estudar, sobre a prática do aleitamento materno exclusivo e os fatores que contribuem para o desmame precoce, porque nesse cenário, o enfermeiro tem como papel principal na sua assistência, a educação em saúde, orientação, instrução, sanar as dúvidas, incentivar e apoiar, com o objetivo de aumentar o número de adesão ao ato de amamentar, e retardar a introdução de outros alimentos precocemente na dieta da criança.

Desse modo, é importante que o enfermeiro, para o planejamento e realização de uma assistência humanizada e qualificada à mulher e ao recém-nascido, reconheça os principais fatores que influenciam o desmame precoce e a literatura tem sinalizado alguns deles, como o trabalho materno; o uso de mamadeira e de chupeta; traumas mamilares; crenças relacionadas ao leite materno; entre outros. Diante disso, surgiu a questão norteadora: quais os fatores que interferem no aleitamento materno exclusivo e contribuem para o desmame precoce?

Para responder a essa pergunta, o objetivo deste trabalho foi identificar os fatores que contribuem para o desmame precoce.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada tratou-se de revisão bibliográfica integrativa, que tem por conceito um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre o tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. É denominada integrativa porque fornece informações mais amplas sobre um assunto/problema, constituindo, assim, um corpo de conhecimento. (ERCOLE; MELO; ALCOFORADO, 2014).

Para esse estudo, foi realizada uma busca avançada na base de dados informatizada do Sistema Online de Busca e Análise de Literatura, Médica (Medline), Literatura Latino Americana em Crônicas de saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foi feita a busca de dados com os seguintes descritores: Assistência de Enfermagem; Aleitamento Materno; Desmame Precoce, Neonato. Foi definido o operador booleano: AND, sendo utilizado para busca dos artigos a seguinte estratégia de busca: (tw: ("enfermagem")) AND (tw: ("assistência")) AND (tw: ("aleitamento materno")) AND (tw: ("desmame precoce")) AND (tw(neonato)).

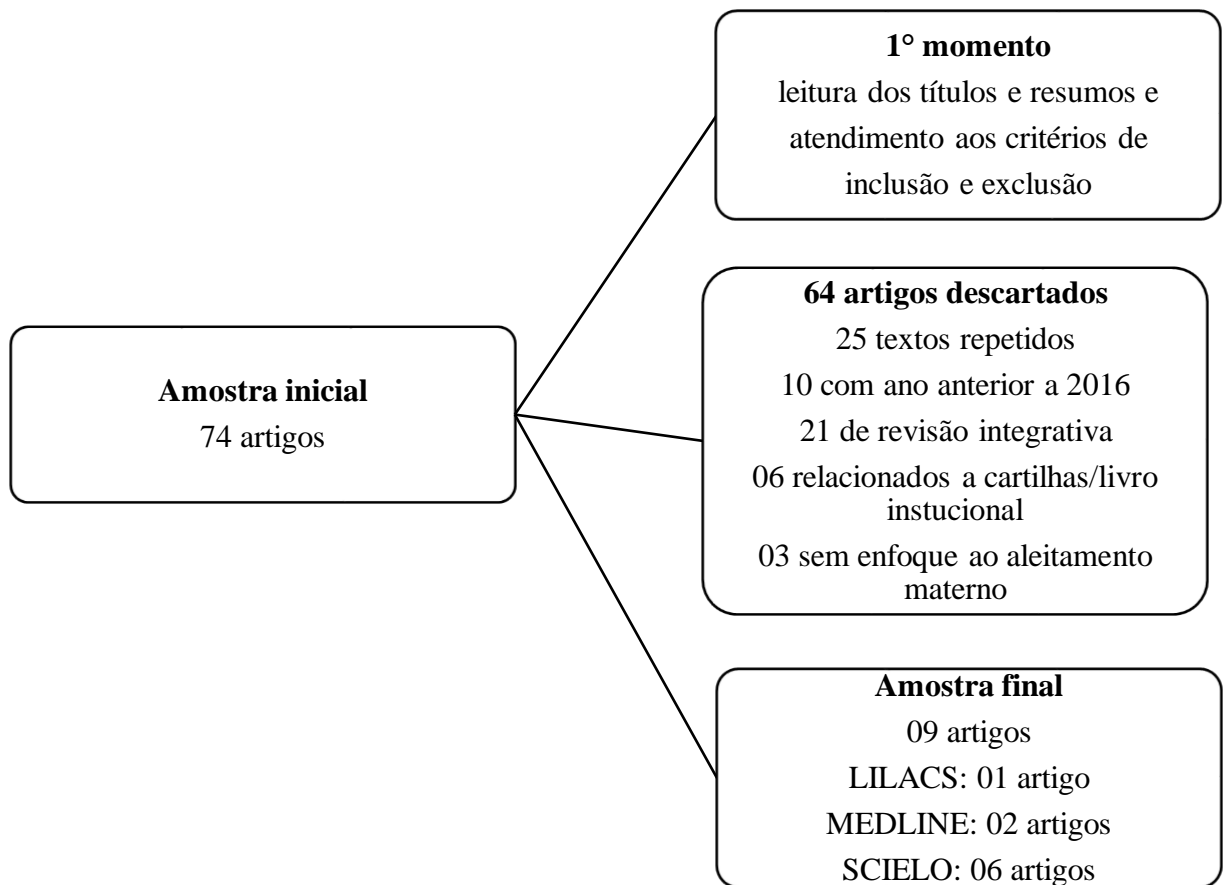
Inicialmente foram selecionados 74 artigos que possuíam relação/relevância sobre o tema em estudo. Foram incluídos os artigos sobre o tema que foram publicados nos idiomas português e inglês durante o período de 2016 a 2021 que estiveram disponibilizados on-line, e gratuitamente. Sendo excluídos: teses, dissertações, artigos de revisão; artigos em duplicata; artigos que não estejam publicados nos idiomas português e inglês; sem disponibilidade on-line e gratuitamente, para a avaliação dos estudos selecionados.

Após a leitura dos títulos e resumos na íntegra, e aplicados os critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 65 artigos, dos quais 25 devido se tratarem de textos repetidos, 10 com ano anterior a 2016, 21 por se tratarem de revisão integrativa também, 06 por não se tratar de artigo e sim de cartilhas e/ou livro institucional, e por fim, 03 por não se tratar de aleitamento materno com enfoque no papel do enfermeiro. Após a exclusão dos artigos que não se encaixavam à temática do presente estudo, foram selecionados o total de 09 artigos.

O método de análise dos resultados foi realizado a partir dos artigos selecionados, tendo como base os objetivos e resultados da pesquisa, com a finalidade de interpretar

os resultados contidos nesse material, sem que houvesse interferência pessoal nas informações de cada autor. Para isso, foi feita uma abordagem comparativa entre os artigos selecionados, identificando os fatores de desmame precoce.

Figura 1. Fluxograma da amostra dos estudos inseridos na revisão integrativa.



3 RESULTADOS

Para compreender melhor do que se trata cada artigo analisado, foi realizada uma distribuição na qual se evidenciasse as vertentes trabalhadas por cada autor; permitindo, assim, a exposição dos artigos selecionados e detalhando: autores, ano de publicação, título, objetivo, métodos aplicados e resultados percebidos/encontrados (quadro 1).

QUADRO 1: Tabela comparativa dos estudos selecionados para discussão. Salvador, 2021.

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	MÉTODOS	RESULTADOS
SANTOS, et al./ Apr – Jun 2021.	Fatores sociodemográficos e obstétricos associados à interrupção do aleitamento materno em até 45 dias pós-parto – Estudo de Coorte Maternal.	Identificar a prevalência de Interrupção do Aleitamento materno (AM) no período de até 45 dias pós-parto e avaliar os fatores sociodemográficos e obstétricos associados.	Coorte com 622 puérperas, selecionadas entre 2018-2019 em uma maternidade de referência do sul do Brasil. A coleta dos dados foi realizada em duas fases, a primeira na maternidade durante internação da puérpera e dorecém-nascido e a segunda através de ligação telefônica, ocorrida após 60 dias do nascimento.	A interrupção do AM aos 45 dias foi identificada em 14% da amostra. Maior idade materna (RP= 0,46; IC95%= 0,22- 0,93) oito anos ou menos de escolaridade (RP= 2,11; IC95%= 1,05- 4,25), apoio da avó materna (RP= 1,91; IC95%= 1,20- 3,06) e recebimento de complemento na maternidade (RP= 1,53; IC95%= 1,04-2,25) foram fatores relacionados com a interrupção do AM no período de 45 dias pós parto.
Emidio, Suellen Cristina Dias; Oliveira, Victoria Regina Ribeiro Ferraz; Carmona, Elenice Valentim. /2020	Mapeamento das intervenções de enfermagem no estabelecimento da amamentação em uma unidade de internação neonatal.	Mapear as intervenções de enfermagem realizadas pela equipe durante a amamentação em uma unidade de internação neonatal, comparando-as com as intervenções de Enfermagem para a amamentação propostas pela Nursing Intervention Classification (NIC).	Estudo descritivo e transversal composto por 61 binômios. Os dados foram colhidos por meio de vídeos das mães amamentando seus filhos e registros em prontuários.	Dentre as nove intervenções da NIC estudadas, cinco foram as mais frequentes - Cuidado infantil: neonato (6824); Cuidado neonatal: método canguru (6840); Aconselhamento para a lactação (5244); Cuidados com o lactente (6820); Cuidado infantil: pré-termo (6826).

<p>Toebe D, Van der Sand ICP, Cabral FB, Hildebrandt LM, Begnini D./ 2017.</p>	<p>Práticas de auto-atenção relacionadas à alimentação de crianças do meio rural.</p>	<p>Descrever as práticas de auto atenção relacionadas à alimentação de crianças do meio rural e suas interações com os modelos de atenção à saúde.</p>	<p>Estudo qualitativo, descritivo, realizado em comunidades rurais do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, com sete famílias, totalizando dez mulheres. Na produção dos dados utilizaram-se a observação e entrevistas abertas. Analisaram-se os dados por meio da análise temática de Leininger.</p>	<p>“O leite materno é bom, mas não basta” e “Minha família influenciou nas minhas decisões: eu consegui amamentar” são os temas emergentes no estudo. Dos temas emerge a necessidade de compreensão dos significados simbólicos dessas práticas para a produção de saúde das crianças, mediante ações culturalmente congruentes e eficazes.</p>
<p>ARAUJO, Vanessa Gabrielle dos Santos. Santos, Tamara Rodrigues dos. Vieira, Ana// Carolina Santana. Assunção, Monica Lopes de. Ferreira, Haroldo da Silva. / Apr – Jun 2021</p>	<p>Transtorno mental comum e interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo em mulheres quilombolas: estudo de base populacional.</p>	<p>investigar a prevalência do aleitamento materno exclusivo (AME) e se o transtorno mental comum (TMC) e outros preditores promovem sua interrupção precoce (IP-AME4).</p>	<p>estudo transversal envolvendo todas as crianças <24 meses (n=252) residentes em 50% (n=34) das comunidades quilombolas de Alagoas. A IP-AME4 foi definida quando o AME foi ≤ 4 meses. Utilizou-se o Self-Reporting Questionnaire para identificar o TMC. Outros preditores foram obtidos por meio de entrevista.</p>	<p>as prevalências de IP-AME4 e do TMC foram 57,6% e 42,9%, respectivamente. Os fatores de risco independentemente associados à IP-AME4 foram: residir em casa de taipa, idade materna ≤ 18 anos, baixo peso ao nascer e uso de chupeta ou de mamadeira. Não houve associação com TMC. As prevalências do AME por quatro e por seis meses foram 42,4% e 25,4%, nessa ordem, e a duração mediana foi de 106 dias.</p>
<p>Campos PM, Gouveia HG, Strada JKR, Moraes BA. 2020.</p>	<p>Contato pele a pele e aleitamento materno de recém-nascidos em um hospital universitário.</p>	<p>Determinar a prevalência do contato pele a pele (CPP) e do estímulo ao Aleitamento Materno (AM) e motivos da não realização dessas práticas; identificar se as mulheres receberam informações sobre essas práticas no pré-natal.</p>	<p>Estudo transversal realizado em hospital universitário com 586 mulheres. A coleta de dados foi de fevereiro a setembro de 2016, em prontuários e por meio de questionário. Procedeu-se análise descritiva.</p>	<p>Imediatamente ao nascimento, 60,1% dos recém-nascidos (RN) realizaram CPP e 44,9% foram estimulados a mamar. Após os primeiros cuidados, 24,1% fizeram CPP e 69,3% foram estimulados a mamar; 47,7% não realizaram CPP por não apresentarem boas condições clínicas; 79,2% das mulheres não souberam informar o</p>

				<p>motivo do não estímulo ao AM; 58,5% mulheres receberam orientação no pré-natal sobre CPP e 90,8% sobre AM.</p>
<p>PERES, Janaine Fragnan., Carvalho, Ariana Rodrigues da Silva., Vieira, Cláudia Silveira., Christoffel, Marialda Moreira., Toso, Beatriz Rosana Gonçalves de Oliveira. / jan – mar 2021.</p>	<p>Percepções dos profissionais de saúde acerca dos fatores biopsicossocio-culturais relacionados com o aleitamento materno.</p>	<p>Investigar qual a alimentação do lactente nos 6 primeiros meses de vida, analisar quais as barreiras para a alimentação exclusiva ao seio materno.</p>	<p>Estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa que estudou as crenças, as representações, as percepções e as interpretações dos profissionais de saúde acerca do AM.</p>	<p>Na caracterização dos entrevistados, houve predomínio do sexo feminino (82%), e a faixa etária variou de 24 a 54 anos, sendo que a idade entre 30 e 39 anos predominou (43%). Entre os 14 profissionais com graduação universitária, 10 têm especialização. O tempo de formação na profissão variou de 7 meses a 29 anos, predominando o período de formação entre 5 e 10 anos (28%). O tempo de trabalho com amamentação predominante foi de 5 a 10 anos (29%), período que coincide com o tempo de formação.</p>

<p>VASCONCELOS, Isadora Nogueira., Brito, Ilanna Maria Vieira de Paula de., Arruda, Soraia Pinheiro Machado, Azevedo, Daniela Vasconcelos de. /Apr-Jun 2021</p>	<p>Amamentação e orientações sobre alimentação infantil: padrões alimentares e potenciais efeitos na saúde e nutrição de menores de dois anos.</p>	<p>Identificar padrões alimentares de crianças menores de dois anos na atenção primária associando-os com variáveis maternas.</p>	<p>estudo transversal desenvolvido em unidades básicas de saúde. Amostra selecionada por conveniência com 321 menores de dois anos e suas mães. O consumo alimentar foi obtido através de recordatório alimentar de 24 horas. O método de análise fatorial por componentes principais foi utilizado para determinação dos padrões alimentares. Associações entre variáveis maternas e padrões alimentares foram testados.</p>	<p>padrões “misto”, “mingaus” e “lanches” foram identificados. Receber orientações sobre alimentação Infantil relacionou-se a maior aderência aos padrões “misto” ($p= 0,02$; $RP= 2,98$; $IC95\%= 1,49-5,96$) e “mingaus” ($p=0,026$; $RP= 2,10$; $IC95\%= 1,09-4,02$). Experiência com aleitamento materno mostrou maior adesão aos padrões “mingaus” ($p=0,038$; $RP=1,78$; $IC95\%=1,03-3,08$) e “lanches” ($p=0,026$; $RP= 1,09$; $IC95\%=1,01-1,18$) e filhos de mães com excesso de peso apresentaram menor aderência ao padrão “lanches” ($p=0,042$; $RP= 0,51$; $IC95\%=0,26-0,98$).</p>
<p>Cherubim DO, Rodrigues AP, Paula CC, Padoin SMM, Trojahn TC, Rechia FPNS. /2018.</p>	<p>Representações do cuidado de Enfermagem às mães para a manutenção da lactação na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal</p>	<p>Descrever o cuidado de Enfermagem, desenvolvidos pelos profissionais no cotidiano assistencial da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), para a manutenção da lactação.</p>	<p>Estudo descritivo de Abordagem qualitativa, constituído por dez profissionais de Enfermagem, no período de fevereiro de 2013, e analisados por meio de categorias temáticas.</p>	<p>A ordenha mamária, a escuta atenta e de zelo que fazem parte dos cuidados de Enfermagem para a manutenção da lactação. As vivências e as experiências dos profissionais de Enfermagem mostraram-se influenciadoras no cuidado e na promoção da oferta do leite materno ao recém-nascido pré-termo.</p>

<p>Fassarella, B.P.A.; Male ck, M.; Ribeiro, W.A.; Pimenta E.S.S, Corrêia M.C.B.; Pinheiro, D.S.; Martins, L.M.; Peixoto M.S.B.F./2018.</p>	<p>Percepção da equipe de enfermagem frente ao aleitamento materno: do conhecimento à implantação</p>	<p>Compreender a percepção da equipe de enfermagem acerca da amamentação na primeira hora após o nascimento do bebê; avaliar o entendimento da equipe de enfermagem acerca da importância de proporcionar a amamentação do bebe na primeira hora pós-parto e identificar ações da equipe de enfermagem para garantir a amamentação precoce do concepto.</p>	<p>Trata-se de estudo qualitativo de abordagem descritiva. A pesquisa foi realizada na Maternidade Mariana Bulhões, situada no Município de Nova Iguaçu. Os sujeitos da pesquisa foram enfermeiros e técnicos de enfermagem, que atuam diretamente no pós-parto. A coleta dos dados ocorreu no mês de outubro 2018.</p>	<p>Algumas barreiras são encontradas por profissionais quanto a aceitação das puérperas acerca do aleitamento materno, demonstrando a necessidade de uma sistematização por parte da equipe (multiprofissional) com ações educativas sobre a temática. (AU).</p>
---	---	---	---	--

Elaborado pela autora

Durante a leitura, os dados encontrados foram selecionados visando apontar os principais resultados e os dados que fariam a composição do quadro 1, onde demonstra a comparação de todos os estudos utilizados. Para isso, foram selecionados 09 artigos na íntegra para utilização como fonte de referência, sendo a base de dados distribuídas da seguinte maneira: 01 estudo da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), 02 estudos do Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (MEDLINE) e 06 artigos da base de dados da Scientific Eletronic Library Online (SCIELO).

4 DISCUSSÃO

De acordo com Santos *et al.* (2021), a interrupção precoce do aleitamento materno tem sido um problema de saúde pública que tem atingido os países de baixa e média renda, entre os quais apenas 37% das crianças menores de seis meses de vida, são amamentadas de forma exclusiva. No Brasil, por sua vez, na última década, a prevalência da amamentação exclusiva para crianças com idade inferior a quatro meses é de 60%, e para aquelas com idade até seis meses de vida, a prevalência é de 45,7%.

De acordo com Araújo *et al.* (2021) as famílias que fizeram parte de seus estudos distinguem-se de outros seguimentos populacionais em função de sua vulnerabilidade social, uma vez que 96,4% pertence à mais baixa classe econômica, o que proporcionalmente é muito superior `observada para a população brasileira, que é de 28,3%. É preciso ressaltar que essas famílias possuem dependência em relação às políticas sociais, principalmente ao Programa Bolsa Família, que contempla mais de 80% dessa população. Nota-se que os percentuais relacionados ao desmame precoce desse estudo na faixa etária abaixo do quarto mês de vida divergem dos achados de Santos *et al.* (2021), uma vez que a prevalência de aleitamento materno exclusivo até o quarto mês de vida do recém-nascido foi de 42,4%, reduzindo-se para 25,4% quando comparado ao período de seis meses.

De acordo com os autores Santos *et al.* (2021) em seus estudos, cerca de 14% das interrupções do aleitamento materno ocorreram dentro do período puerperal, ou seja, até os 45 primeiros dias após o parto e, de acordo com a pesquisa, os fatores sociodemográficos que mais contribuem para que a puérpera interrompa o aleitamento materno está diretamente ligado a questões culturais (principalmente para os bebês criados com/pela avó materna, que ainda tem a ideia de que os recém-nascidos devem ser criados desde cedo com a oferta de água, chás, leite de vaca, papinhas e mingaus), escolaridade (uma vez que essas mães estudaram no máximo 8 anos, ou seja, sequer chegaram ao ensino médio), a questão etária também precisa ser levada em consideração, visto que boa parte dessas mães que realizam o desmame precoce, são adolescentes.

Os profissionais entrevistados no estudo de Peres et al. (2021), afirmam que embora o leite materno seja o alimento predominante nos primeiros seis meses de vida da criança, poucas são as mães que conseguem manter esse aleitamento materno exclusivo, associando-se ao fato de a mulher não exercer atividade remunerada. Por isso, o aleitamento misto ou parcial é o tipo de alimentação mais frequente nessa faixa etária na visão dos participantes da pesquisa. Já com relação ao tipo de leite utilizado pela mulher juntamente com o leite materno, observou-se que essa escolha se associa ao nível socioeconômico da mulher e da sua família.

Ainda de acordo com os profissionais, dentre os aspectos socioculturais que influenciam na amamentação, o trabalho materno é a principal barreira que impede a duração do aleitamento materno exclusivo até o período mínimo recomendado, visto que, no trabalho privado, elas têm só quatro meses de licença (PERES, 2021, p. 145).

No estudo de Araújo *et. al* (2021), a prática da amamentação é influenciada por fatores históricos, culturais, socioeconômicos e psicológicos da mãe, ou seja, todas essas questões podem impactar diretamente no tempo em que a criança é amamentada. A duração média da amamentação nas crianças quilombolas do estudo apontado pelos autores foi de 106 dias, evidenciando que embora seja pouco tempo, ainda é maior do que a média encontrada no conjunto das capitais brasileiras.

De acordo com Vasconcelos *et al.* (2021), o padrão “misto” inclui alimentos saudáveis, que devem compor a alimentação de crianças menores de dois anos, como frutas, vegetais, cereais e tubérculos, carne, frango, peixe e ovos. Entretanto, foram incluídos também grupos de alimentos não recomendados, como açúcares e ultra processados, representados em sua maioria por iogurtes adoçados e saborizados. Outro alimento introduzido inadequadamente foram os “mingaus”, composto por farinhas, leite artificial e açúcar, sendo preparados, na maior parte das vezes, com leite de vaca e açúcar. O aleitamento materno mostrou associação inversa a este padrão, ou seja, aqueles que consumiam mingaus, não consumiam leite materno, mostrando que a introdução desses alimentos prejudica a amamentação.

Nos estudos de Toebe *et al* (2017), os autores trazem as afirmativas presentes nas falas das puérperas de que o aleitamento materno misto (AMM) tão logo ao nascer ou em qualquer época antes do sexto mês de vida não é o ideal, porém, os motivos que

modularam essa prática estavam relacionados ao fato dessas mulheres acreditarem que pelo fato de ter pouco leite inicialmente, o bebê ser prematuro e/ ou ter necessidade de atenção maior devido problemas de saúde, ou ainda, a mulher ter o bico do peito invertido, bem como paradigmas já ultrapassados e demonstrados pela ciência, não ser o adequado para um recém-nascido e justificaram a introdução de outra alimentação além do leite materno para compensar essas crenças.

Nesse sentido, o estudo dos autores acima citados Toebe *et al* (2017), refere que essas atitudes frente ao aleitamento materno estão associadas a oferta de chás com a finalidade de acalmar a criança, aliviar cólicas, desconfortos gerados por gases intestinais e, principalmente, para tratar gripes e resfriados durante o inverno. Para algumas famílias, essa é uma prática esporádica, que ocorre na vigência de desconfortos ou adoecimento da criança, porém para outras, tornou-se parte da rotina.

Toebe *et al.* (2017) afirmam em seu estudo a reflexão de que:

A compreensão dessa autonomização, de ambos os sentidos impressos no AMM e dos modelos explanatórios que guiam as decisões das mães e suas famílias em relação à alimentação das crianças, é basilar para superação de antigos modelos de atenção à saúde, a exemplo do Modelo Médico Hegemônico. Os profissionais do campo da saúde, dentre eles os enfermeiros, subsidiados por essa compreensão, poderão desenvolver ações fundamentadas em modelos que se ancoram nas necessidades de cada mulher e família, sua história pregressa e seus anseios momentâneos, respeitando e compartilhando conhecimentos em atitude de corresponsabilidade e em verdadeiro diálogo intercultural. (TOEBE *et al.*, 2017.p.8)

Já o estudo de Campos *et al.* (2020), revela que os motivos do não estímulo ao aleitamento materno, estão relacionados a problemas de saúde do recém-nascido, como desconforto respiratório; problemas de saúde materna, como pré-eclâmpsia e demora no resultado do teste rápido anti-HIV. Demonstra ainda que dentre os motivos encontrados incluem a situação clínica desfavorável da mãe e do bebê, sendo os mesmos motivos de outro estudo realizados pelos mesmos autores em 2012 na mesma instituição.

No entanto, um dado inquietante no estudo de Campos *et al.* (2020), é que algumas mulheres não souberam informar o motivo para a não ocorrência dessa prática,

essa situação indica uma possível falha na comunicação entre equipe de saúde e usuária. É fundamental que a parturiente seja informada sobre as questões que envolvem o seu cuidado e o do bebê, reforçando-se a relevância da educação em saúde.

Cherubim *et al.* (2018), em seu estudo com enfermeiros, pode constatar que os profissionais de Enfermagem entenderam como orientação às mães de recém-nascidos internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN) o momento em que eles auxiliaram em alguma complicação na amamentação, como o ingurgitamento mamário e as fissuras mamilares. Além disso, consideraram, também, como orientação, quando dispensaram ajuda à mãe para ordenhar a mama e quando falaram sobre a importância de uma alimentação saudável e da ingestão de líquidos para garantir a produção do leite materno. O momento em que o profissional respeitava a vontade da mãe em amamentar ou não foi apontado pelos participantes como forma de cuidar. Também foi destacado por eles sentimentos de zelo como uma forma subjetiva de cuidado.

A separação mãe-filho, decorrente de hospitalização, é um fator que pode contribuir de forma significativa para o insucesso da amamentação. Dentre os pacientes internados na unidade estudada, a maioria era de prematuros, o que significa desafio adicional para o estabelecimento da amamentação. O início da sucção nutritiva depende de vários fatores, como idade gestacional, peso, características clínicas do bebê, bem como protocolos institucionais. Normalmente, os bebês conseguem iniciar a sucção nutritiva entre 32 e 34 semanas de idade gestacional, mas é a partir das 35 semanas que coordenam melhor sucção e respiração, bem como mantêm a pega de forma satisfatória. Na amostra estudada, o peso e a idade gestacional ao início da sucção nutritiva respeitaram essas premissas e se mostraram semelhantes a outros estudos. (EMÍDIO; OLIVEIRA; CARMONA, 2020).

Na pesquisa de Fassarella *et al.* (2018), foram entrevistados 28 profissionais de enfermagem e que quando questionados sobre quais as ações que a equipe de enfermagem realiza para garantir a amamentação precoce, obteve-se as seguintes respostas: “ conscientização sobre a importância do leite materno nas primeiras horas de vida, para vínculo mãe e bebê”, “ pequenas palestras nas enfermarias sobre a importância da amamentação” e “curso de capacitação para todos os funcionários” foram algumas das respostas apresentadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo destacou os principais fatores de risco para o desmame precoce atribuídos pelos autores estudados, quais sejam: trabalho fora de casa, crenças e tabus sobre o leite materno, fissuras mamilares, baixa renda e baixa escolaridade da mãe, faixa etária da mãe, e bebês que nasceram com problemas de saúde e precisaram de internamento nas UTINs.

O desmame precoce, como vimos, é constituído sócio culturalmente e para que a mulher possa manter o aleitamento materno ela precisa de apoio do seu núcleo familiar, dos profissionais da saúde, da sociedade e também do governo, este último com a criação de estratégias/implementações de infraestruturas básicas (educação e saúde). Por isso, todos os esforços empregados pela equipe de saúde, aliado com a conscientização dos familiares na prevenção do desmame precoce, trará benefícios que se perpetuarão ao longo de toda a vida da criança.

Portanto, ressalta-se a importância do aleitamento materno exclusivo durante os seis primeiros meses de vida do bebê, uma vez que o leite materno é o alimento com maior quantidade de nutrientes e agentes imunológicos que protegem o recém-nascido de infecções, sendo estas as principais causas de mortalidade neonatal.

Para finalizar o presente estudo, há de se louvar a importância do profissional de enfermagem em todo o processo desde o pré natal até o primeiro ano de vida do bebê. Sendo sua atuação de fundamental necessidade para ajudar a mulher, seja ela em estado gravídico ou no puerpério, uma vez que a intervenção do enfermeiro fosse nos cursos de pré-natal, fosse auxiliando a mãe a amamentar seu bebê logo após o parto, evidenciou-se no nosso estudo como um dos fatores que contribuíram positivamente no momento em que essas mães optaram pela não interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo até os seis primeiros meses de vida do bebê e até pelo menos os dois anos de vida da criança com aleitamento materno misto.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, V.G.S. et al. Transtorno mental comum e interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo m mulheres quilombolas: estudo de base populacional. **Instituto de medicina Integral Prof. Fernando Figueira**; v. 21, n. 2, 2021. Acesso em 13 outubro de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000200008> A.
- CAMPOS, P.M. et al. Contato pele a pele e aleitamento materno de recém-nascidos em um hospital universitário. **Rev Gaúcha Enferm.** 2020; v.41, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190154>
- CHERUBIM, D.O. et al. Representações do cuidado de Enfermagem às mães para a manutenção da lactação na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Rev Fun Care Online**; v.10, n. 4, p.900-905, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i4.900-905>
- EMIDIO, S.C.D. et al. Mapeamento das intervenções de enfermagem no estabelecimento da amamentação em uma unidade de internação neonatal. **Rev. Eletr. Enferm.**; v.22, n.6, p.1840, 2020. Acesso em 18 outubro 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v22.61840>.
- ERCOLE, F. F. et al. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**; V.18, p.1, 2014. Disponível em: <http://www.dx.doi.org/10.5935/1415-2762.20140001> Acesso em 17 out 2021.
- FASSARELLA, B.P.A. et al. Percepção da equipe de enfermagem frente ao aleitamento materno: do conhecimento à implantação. **Revista Nursing**, 2018; v.21, n.246, p.2489-2493. Disponível em: Nucleo de Telessaúde NUTES PE. Ago. 2016.
- PERES, J. F. et al. Percepções dos profissionais de saúde acerca dos fatores biopsicossocioculturais relacionados com o aleitamento materno. **Saúde debate**; v.45, n.128; 2021. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0103-1104202112811> Acesso em 17 out 2021.
- SANTOS, V. L. et al. Fatores sociodemográficos e obstétricos associados à interrupção do aleitamento materno em até 45 dias pós-parto – **Estudo de Coorte Maternar. Instituto de medicina Integral Prof. Fernando Figueira 21 (2) Apr – Jun 2021.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93042021000200013> Acesso em 12 outubro 2021.
- SANTOS, M.P. *et al.* Prevalence and associated factors for early interruption of exclusive breastfeeding: meta-analysis on Brazilian epidemiological studies. **Rev Bras Saúde Mater Infant.** v.17, p.9-67; 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1806-93042017000100004> Acesso em 13 out 2021.
- SILVA, L.S. et al. Contribuição do enfermeiro ao aleitamento materno na atenção básica. v.12, p.774-778; 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361>
- TOEBE, D. et al. Práticas de autoatenção relativas à alimentação de crianças do meio rural. **Rev Gaúcha Enferm**; v. 38, n.3, p.64507, 2017. Acesso em 01 outubro 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.03.64507>
- VASCONCELOS, I. N. et al. Amamentação e orientações sobre alimentação infantil:

padrões alimentares e potenciais efeitos na saúde e nutrição de menores de dois anos. **Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira**; v. 21, n. 2, 2021. Acesso em 28 setembro 2021. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042021000200005>.

VICTORA, C.G. et al. Amamentação no século XXI: Epidemiologia, Mecanismos e Efeito Vida. **Lancet**, **387**, **475-490**. Disponível

em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(15\)01024-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(15)01024-7) Acesso em 18 out 2021.